

MARIA VICENTE

Mulher de fibra e de família

n ISAIAS MUTHIMBA

DINAMISMO, espírito nato de liderança, são qualidades mais que suficientes para descrever as facetas de uma mulher que soube se impor e desafiou as barreiras impostas pelas desigualdades de género em diversas frentes da vida social, política e profissional que vão do associativismo juvenil à liderança de um município. Estamos a falar de Maria Vicente, que actualmente presta o seu contributo no Governo da província de Maputo.



Maria Vicente

Chamada na sua juventude para servir a nação, Maria Vicente fez parte do grupo das meninas e rapazes que foram para o centro de preparação político-militar de Nachingwea, Tanzânia, em 1974. Foi nesta missão nobre, para muitas jovens da época, que começava o enredo da história da nossa interlocutora.

É quadro do Ministério da Defesa Nacional e fez parte da liderança do primeiro quartel do Destacamento Feminino, no distrito da Moamba, província de Maputo, e assumiu papel de relevo na Organização da Mulher

Moçambicana (OMM) a nível central, concretamente na área de formação.

Foi uma das primeiras mulheres a assumir o cargo de presidente de uma assembleia municipal, no caso concreto no município da Matola e a primeira e única até hoje que liderou os destinos desta autarquia ao ser indicada para a sua presidência, embora de forma interina, depois da morte de Carlos Tembe.

Pessoa de pouca fala, considera-se mulher de muita sorte. Nesta oportunidade que teve para exteriorizar as suas vivências, exaltou a capacidade das mulheres que mostraram que

afinal de contas a mulher pode desempenhar as mesmas tarefas que o homem e contribuir de igual forma para o desenvolvimento do país.

Ela discorda das vozes que dão conta que é chegado o momento de as mulheres tomarem a dianteira pois, na sua opinião, elas sempre tiveram a oportunidade de mostrar o que valem.

"O conceito de emancipação, em algum momento, é interpretado de várias formas, mas eu considero que emancipação é a visão que nos dá um horizonte de uma maneira digna, e por conta disso devo reconhecer o papel das 25 meninas que foram

à luta, porque temos visto na praça a mamã Marina Pachinupapa, por exemplo, a fazer lembrar aquilo que foi e é a mulher moçambicana, e como deve ser. Desde o princípio nunca houve o espírito de a mulher superar o homem, mas sim trabalhar no sentido de fazermos a nossa parte de uma maneira digna", disse Maria Vicente, observando que todos lutam para o mesmo objectivo.

Pertence ao grupo dos primeiros jovens recrutados em território nacional em 1974 para prepararem a transição, e considera que havia igualdade de tratamento e espírito de pátria e

servir a nação.

Na altura, vivia no bairro Luís Cabral, na cidade de Maputo, quando chegaram os primeiros comandantes para preparar a independência e liderava então um grupo juvenil na Escola Unidade 5, tendo sido indicada para ir à formação na Tanzânia.

Conta que teve a oposição do pai, pois acabava de perder a mãe e ela é que cuidava dos irmãos mais novos, mas este argumento não foi suficiente para anular a decisão do comandante Patel. O pai teve que ceder.

De volta ao país, pouco antes da independência, integrou o grupo coral e mais tarde orientado para o Ministério da Defesa como funcionária. De seguida, destacada para comandante-adjunta da unidade de Destacamento Feminino, na Moamba.

Em 1977 é chamada para a sede central da OMM com a missão de fazer parte do processo de formação intensiva do grupo de mulheres líderes em matérias de alfabetização, concretamente as secretárias da organização a vários níveis para responder às necessidades de momento.

"O mecanismo era concentrar estas mulheres durante três meses e dar curso intensivo em matérias de leitura, escrita e aritmética, trabalho que desempenhei até 1979. Fiquei na OMM até 2005, onde fui fazendo muitas coisas, uma trajectória que criou uma maturidade que tem estado a guiar-me até ao momento", narra Maria Vicente, que considera a carreira militar como tendo influenciado a sua vida. No cumprimento das regras, o que traz algumas fricções com aqueles que não estão habituados a seguir normas de forma rigorosa.

Liderança requer ponderação

MARIA Vicente considera que todas as etapas por que passou foram uma aprendizagem. Foi sabendo coisas novas, pois o seu estilo de gestão tem sido de interacção e partilha de responsabilidades, o que abre espaço para todas as opiniões. Para ela, esta forma de trabalhar ajuda a superar as dificuldades.

"O importante é a pessoa saber identificar as suas próprias fraquezas e buscar nos outros a parte que não tem para complementar, e esta virtude tem-me ajudado. É preciso entendermos que somos os primeiros culpados antes de atirmos a responsabilidade para os outros, porque esta tem sido a causa que contribui negativamente quando as pessoas não assumem que podem não saber algo, esquecendo-se que a sociedade é feita de diferenças e cada um deve complementar o outro", defende a fonte.

Diz que substituir Carlos Tembe foi, para ela, um castigo muito grande porque nunca tinha imaginado assumir o cargo de presidente de um município. Mas por conta da partilha de poder foi possível coordenar e fechar o mandato com sucesso.



A ideia de emancipação nunca foi de superar o homem



A liderança dos destinos do distrito de Marracuene foi um grande teste

Marracuene: a grande provação

EM 2010 foi chamada para assumir o cargo de administradora do distrito de Marracuene e considera ter apanhado um grande susto, porque quando chegou se apercebeu de que havia muitos desafios. O maior era de acomodar a Estrada Circular com as suas implicações.

Foi uma escola e deu o seu contributo para que o distrito avançasse. Diz ter enfrentado um processo de provação, porque se apercebeu que o distrito não estava preparado para uma liderança feminina. Não só os homens, mas também as mulheres.

Segundo ela, foi necessário muito trabalho para fazer ver a comunidade que é possível trabalhar com uma mulher na liderança dos destinos do distrito e superar os desafios impostos pelas circunstâncias.

"É um distrito em desenvolvimento acelerado e houve muita provocação com o reassentamento, a movimentação das famílias de um ponto para o outro para dar lugar ao projecto.

Casada em 1980, Maria Vicente é mãe de dois filhos e conta com seis netos. Tem no esposo um companheiro fundamental no cumprimento das diferentes missões a que foi sempre incumbida.